

*O cordel
do crp*

Luli Radfahrer

· XIII ·

Poucas obras da extensa bibliografia de Victor Aquino foram tão subestimadas quanto o “*Cordel do CRP*”, visto por muitos como uma brincadeira, considerado por alguns até de mau gosto, ao fazer diretas referências a colegas explicitamente citados, em claro tom de ironia ou deboche. Poucos perceberam, no entanto, o

1. Professor doutor do curso de Publicidade na USP. Publicitário. Mestre e doutor em Ciências da Comunicação. Cronista da Folha de S. Paulo. Autor de *Enciclopédia na Nwem*.

O cordel do crp

malabarismo sintático e poético que só um especialista com grande conhecimento da Língua Portuguesa poderia ser capaz de realizar.

Muitos veem, nas rimas ingênuas e frases incompletas, algo fácil, tarefa ao alcance de qualquer mesa de boteco. Se é inegável que “trepentes” como o do Curso de Turismo são, de certa forma, previsíveis, é divertido ver como o Autor, despojadamente, o coloca face a face com a elaboradíssima (e hermética) peça a respeito do Ciclo Básico.

Esta é uma obra que não deve ser analisada em suas peças individuais, por mais fascinantes que estas o sejam, mas por seu conjunto. Gerações tem representado o homem por diversos momentos da sua existência, mostrando nas necessidades de suas relações a transmissão dos conhecimentos, através do que chamamos de comunicação, em que o homem navega percorrendo mundos no saber da evolução e de cujos momentos, passado e futuro, são circunstâncias referenciais do que é o presente.

Na comunicação - falada, cantada ou escrita - a palavra tem sido o símbolo da arte na expressão do saber humano através das representações da oralidade. Os mecanismos de sua propagação estão normalmente de acordo com hábitos e necessidades do homem, e de sua dinâmica social. Hoje distingue-se uma predominância da escrita, porém, sem causar extinção da oralidade. Manifestações culturais, como a troca de mensagens de textos via telefones

O cordel do crp

celulares, trazem novos elementos para essa dinâmica, que persiste enquanto na linguagem da comunicação humana prevalecer à palavra.

A ciência tem tratado a palavra recentemente como um meio através do qual o indivíduo expressa seus sentimentos, desejos, necessidades e emoções. Neste contexto, o conjunto de técnicas que a representa é chamado de “Arte da Palavra ou Literatura”, apresentada textualmente em prosa ou verso.

Mas esta forma artística não se restringe a Romances e Sonetos. No interior do país, em especial no sertão nordestino, a arte da comunicação através da literatura em versos navegou por caminhos que produziram particularidades só ali observadas. Por mais que os costumes e tradições possam guardar semelhanças, as experiências vividas não devem ser igualadas. Nesse aspecto, o “*Trepente do Xerox*” é emblemático.

O povo brasileiro produz um saber literário popular como instrumento único na arte da criação, em que prevalece a diversão e a sátira na divulgação da informação dos fatos cotidianos. Segue, dessa forma, a mesma tradição Medieval das cantigas trovadorescas, sem nada dever a elas. Nossa literatura não pode ser nunca igualada a de outros povos, pois tem características próprias, corpo, alma e vida, que dão ao povo uma identidade jamais vista.

O cordel do crp

O processo da formação cultural brasileira é normalmente atribuído à presença do colonizador que aqui se fixou para tomar posse de nossas terras, misturando-se à cultura indígena aqui presente e à rica cultura “importada” através dos escravos negros. A literatura popular resultou desta relação entre as histórias contadas pelos diversos povos, propagada entre os séculos XVI e XVIII, atingindo os dias atuais.

No início, quando aqui predominou a relação da oralidade, a transmissão de conhecimentos ocorreu principalmente através das missões religiosas. Estes homens, catequizadores vestidos de padres, foram mais colonizadores do que missionários. Os registros falam que suas ações foram dotadas de extremo rigor. A catequese por eles praticada tinha como resultado o produto escravo, para serventia ao rei. Para tanto adotaram uma conduta que chegava ao extremo com execuções para aqueles não socializados aos seus costumes. É neste cenário de ações brutais e violentas que ocorre o primeiro contato do saber da arte da palavra, literatura com o nosso povo.

Os religiosos, através de suas doutrinas missionárias forçadas, passaram aos nativos da terra seus conhecimentos em forma de versos, uma técnica que facilitava muito a aprendizagem e ajudava ao nativo a decorar as regras para o trabalho imposto.

Do ponto de vista histórico, este fato é importantíssimo para a formação da nossa cultura, como marco do início do

O cordel do crp

processo da interação literária cultural entre o colonizador e o nativo da terra, porque relata como foi e em que condição se deu a circularização do saber literário em nosso meio. A literatura popular, com os versos impostos pela catequese, teve o registro da sua origem propagando-se depois no povo.

É importante ressaltar que nesta relação o colonizador considerou os nativos da terra uma classe desprivilegiada, relegados a situações de extrema pobreza material e cultural, sem formação alguma e sem indícios de conhecimentos compatíveis com os aqui chegados. Por esta razão, o que resultou da convivência entre nativos e estrangeiros nasceu de exclusão discriminatória, contra os hábitos e costumes da terra, deflagrada através da dominação com a ocupação das propriedades e riquezas.

Os estudos revelados na Academia tratam da cultura atribuindo-lhe padrões que pertencem a outros povos, desrespeitando sua essência. Estas imposições alteram profundamente a linguagem cultural praticada no meio, e são incapazes de perceber as verdadeiras riquezas da cultura local.

Um exemplo claro é a aplicação e o uso da expressão “Literatura de Cordel”, atribuída de forma desrespeitosa com o saber praticado pelo homem sertanejo, em especial o nordestino. Observa-se que a ação exercida pelo colonizador se tornou cultura no exercício do controle dos estudos acadêmicos culturais perpetuados até hoje,

O cordel do crp

resultando em um preconceito que prejudica a verdadeira compreensão da obra.

Os brancos influenciaram a cultura, dizem os registros, contribuindo com suas informações culturais. Se assim tivesse ocorrido, os índios e os negros teriam as mesmas influências exercidas pelas representações dos brancos.

A História mostra que não foi assim o ocorrido.

A diferença entre culturas foi representada no exercício do domínio do poder pela força. Os conquistadores, donos do poder, direcionaram seus conhecimentos como imposição à formação dos povos conquistados, sempre visando benefícios próprios. Assim, subjugarão as possibilidades desta mescla às suas vontades e aos costumes de suas necessidades, porém, nunca preocupados com a cultura que estava emergindo.

O “*Trepente do Macintosh*” traz, em curtas linhas, um exemplo dessa mescla:

Alguém viu o Macintosh?
Não é Funcionário, não.
Nem entrou cá sem concurso,
Sem prova e lecionação

Índios, Negros e Brancos se mesclam proporcionando a formação do povo brasileiro. Se a convivência colonizadora tivesse ocorrido de forma harmoniosa, a

O cordel do crp

predominância prevalecida seria dos índios, por serem os donos da terra e existirem em maior número naquele momento. Todos sabemos que não foi assim. O saber nativo foi esmagado, aniquilado, em nome da cultura que se instalou como prática do bem.

Tanto índios como negros se perderam mediante essa imposição destrutiva. Suas influências culturais não tiveram poder nas decisões sobre os caminhos que iriam formar a nova cultura, se é que se formou nova cultura e assim aconteceu e ainda acontece hoje. Desta relação ainda se pode observar, curiosamente, que o grupo Negro teve uma grande influência cultural sobre o Branco com seus hábitos e costumes. Hoje a cultura Brasileira pode ser definida como uma derivação da cultura do colonizador europeu, portugueses, influenciada pelos negros e em menor proporção pelos nativos da terra.

Ela desenvolve seu conteúdo através de amostragens repetitivas que lhes chegam preestabelecidas (modelos criados pelos brancos dominantes) e não desenvolvem os valores necessários para sua conduta, comportando-se como verdadeiros papagaios do saber, acobertados por um forte aparato de divulgação de interesses externos e alheios ao povo, que são os veículos de comunicação de massa.

O saber tem sido objeto de troca entre os povos quando nas suas relações. Este fato caracteriza a essência literal no sentido da expressão circularidade cultural. Neste movimento, é importante ressaltar que quando a relação ocorre

O cordel do crp

de forma natural e harmoniosa se consuma a influência no sentido formador de uma nova cultura. Porém, quando se dá o contrário, fazendo prevalecer um saber sobre outro, excluindo o existente, ela perde o caráter formador, passando a ser uma imposição por exclusão.

A cultura brasileira é resultante do processo assinalado pela imposição com exclusão. Isso significa dizer que aqui não houve influência de costumes culturais interagindo com a cultura da terra para produzir a unidade representada hoje. O que ocorreu foi a eliminação de uma cultura, a nativa, substituída por outra, a do colonizador.

Os brancos europeus não exerceram influências na formação da nossa cultura, e sim, impuseram a sua cultura para formar os hábitos da sociedade que estava surgido visando atender suas necessidades. Não ocorreu influência cultural e sim substituição com eliminação da cultura existente pela do colonizador. Este é o fato que nos leva a apontar as razões dos equívocos praticados nos estudos em pesquisas, ao afirmarem que os brancos influenciaram a cultura de nossa terra, e não foi assim. Eles aqui chegaram, se instalaram e impuseram sua cultura, e esta cultura imposta é que recebeu a influência dos negros e em pequena escala dos nativos, índios da terra.

A imposição se estendeu por todo saber cultural da nação e, como não poderia deixar de ser, foi aplicada ao processo da literação popular, com a denominação “LITERATURA DE CORDEL”.

O cordel do crp

A literatura de cordel se tornou o principal veículo da poesia popular, impressa e divulgada em folhetos ilustrados com o processo de xilogravura, técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado.

Victor não usa uma Xilogravura na capa de seu livro, provavelmente por restrições técnicas. A imagem escolhida, no entanto, não poderia ser mais adequada: a de um garoto sorridente, feliz da troça quase ingênua que faz dos vetustos “acadêmicos”.

Seguindo a tradição de poetas como Leandro Gomes de Barros, José Alves Sobrinho, Homero do Rego Barros, Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), Téo Azevedo, Zé Melancia, Zé Vicente, José Pacheco da Rosa, Gonçalo Ferreira da Silva, Chico Traíra, João de Cristo Rei e Ignácio da Catingueira e outros tantos cantadores nordestinos, o autor disfarça sua origem gaúcha que surgiria mais tarde em sua série de obras sobre sua terra natal.

Da mesma forma que os grandes João Cabral de Melo, Ariano Suassuna, José Lins do Rego e Guimarães Rosa, Victor Aquino encanta, com a simplicidade aparente de seus versos, uma retórica potente e um repertório imagético invejável.

Lançando mão do rico repertório da literatura oral com seus mitos, lendas, contos e provérbios transmitidos de

O cordel do crp

geração para geração, os trepentes e trovas do *Cordel do CRP* bem poderiam estar presentes em repertórios orais do cancionero popular, representando a literatura oral como importante fonte de memória popular, ao mesmo tempo que revela o imaginário do tempo e espaço onde foi criada.

Nesse contexto, o “*Trepente do Fantasma do Museu*” mistura elementos vivenciados e imaginários em uma mescla de realismo fantástico:

Bem depois da meia-noite
Muitos sons eram ouvidos,
Como chicote em açoite,
E em surdina alguns gemidos.

No nordeste brasileiro, onde se desenvolveu o saber literário sertanejo nordestino denominado “Cordel”, nunca se verificou nem se ouviu falar da instalação de escolas com tendências de costumes culturais literários, português, europeu ou mesmo de um nome de poeta popular, desta origem, que influenciasse a propagação dos costumes literários populares na sociedade que no sertão se formou e expandiu.

A cultura herdada do colonizador, especialmente a literatura de Cordel, aqui chegou aleatoriamente através de poetas nômades desconhecidos que chegavam às caravelas, trazendo o que podiam, quando podiam, onde

O cordel do crp

possivelmente se observava a presença de contos e cantos poéticos e também a poesia improvisada lá praticada pelos portugueses.

A magnitude estendida à definição na sensibilidade da criação e improvisação atribuídas ao homem sertanejo, nesta cultura, exposta pelas academias, não condiz com a verdade quando a mostra como sendo resultado da interação cultural do colonizador com as raízes da terra, o que em verdade é um absurdo para com os nossos costumes. A não inclusão do homem sertanejo nordestino no contexto cultural e social da nação brasileira durou longos e amargos anos e este fato se deu em função da sua origem e também do seu espaço geográfico. Poucos foram os brancos que ocuparam a região com fazendas de gado e produção de açúcar. A predominância no sertão era dos Índios com Negros incorporados ao domínio dos senhores coronéis fazendeiros donos dos grandes latifúndios.

A geografia dominante na região estabeleceu a relação social do povo ali formado com o resto do mundo. O Sol causticante, com altas temperaturas e as irregularidades na frequência das águas, no ciclo das estações e as características do solo determinaram caminhos sinuosos para a formação deste povo e ainda hoje estas marcas influenciam o processo da sua evolução cultural. A cultura se formava partindo das necessidades, mas seus reflexos estavam subjugados à mesma sorte social dada ao grupo dos nativos, ou seja, a exclusão.

O cordel do crp

É muito difícil atribuímos um nome como sendo provável precursor dessa cultura, mesmo que seja estabelecido como um marco em função do momento sociocultural econômico vivido pelo povo, porque se trata de um costume popular e, sendo assim, sua identidade pertence ao povo.

Como a capital da província era Salvador, nela se deu a entrada do conhecimento do saber cultural de todas as atividades desenvolvidas pelo colonizador que aqui se instalou.

Neste momento a prática da literatura dos versos populares já era conhecida e desenvolvida por povos da Europa, desde a antiguidade, e, como não poderia deixar de ser o costume aqui chegou com o colonizador, ou talvez, também possível, por holandeses, franceses, espanhóis ou eventualmente por imigrantes europeus aqui instalados nesse período.

A arte literária popular, com seus versos, se espalhou por toda a região nordeste e, partindo de Salvador atingiu os estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará. Maranhão, e também o Piauí. Notadamente, se destacaram todos, mas Paraíba, Ceará e Pernambuco representam papel relevante na história desta cultura, graças à revelação de poetas com feitos expressivos para a cultura.

O cordel do crp

Na época da nossa oralidade, quando do nosso descobrimento, a escrita clássica já era conhecida em outros povos, porém, aqui não difundida. O que aqui se produzia, em termos de cultura literária, era repassado ao povo nativo e à mescla, boca a boca e, quando não muito, com o passar do tempo, oportunamente, através de alguns manuscritos cujo saber nos foi herdado pelo colonizador.

Do século XVIII encontramos uma citação, relato de historiador, sobre o poeta baiano Gregório de Matos, nordestino do ciclo pioneiro que recebe graduação acadêmica na cidade de Coimbra, onde se tornou bacharel em direito.

O registro nos revela que Gregório, nas escadarias do prédio da escola, declamou versos, satirizando a cobrança das mensalidades não pagas, aos quais se atribui a semelhança com o literário popular do colonizador que era chamado de Volantes ou Folhas Soltas, ou seja, a literatura de Cordel.

Na verdade, os primeiros registros oficiais da cultura aparecem por volta da metade do século XIX, ou talvez um pouquinho antes, mas o surgimento dos folhetos impressos se dá na passagem das décadas finais entre os séculos XIX e XX, com a chegada da imprensa de Gutenberg às principais cidades do nordeste brasileiro.

O feito é atribuído ao poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, porém existem controvérsias. Diz que, na

O cordel do crp

cidade do Recife, ele lança o primeiro folheto impresso, consolidando a cultura popular sertaneja nordestina, tratada como versos de feira, porém hoje batizada pela cultura científica como Literatura de Cordel.

Tenho procurado, no universo da literação da poesia popular sertaneja nordestina, a ou as referências que apoiaram o uso, por parte dos estudiosos, da expressão que define a nossa literatura como “Literatura de Cordel”. Não encontrei nada consistente que justificasse tal uso por importância, a não ser o fato de o Cordel, cordão, hoje, servir ao pendurar dos trabalhos impressos expostos ao público para venda.

Digo hoje porque esta prática se tornou obrigatória depois que esta definição foi imposta. Pois bem, para a nossa cultura, este fato não representa a importância dada pelos estudiosos ao contexto da nossa cultura, chegando ao ponto de expressar a terminologia que a identifica.

Muitos poetas natos, como também o próprio sertanejo consumidor desta cultura, em algumas cidades do sertão nordestino, desconhece a expressão “CORDEL” que já é uma realidade unânime entre as expressões populares do saber literário nos meios acadêmicos, educacionais, na mídia do nosso país e, mais tarde, sem dúvida, também será em todo o povo brasileiro.

O cordel do crp

O uso do cordão na exposição dos folhetos pendurados para a venda ao público não é um registro de nossa marca, ao ponto de permitir a identidade da nossa cultura.

Mas, sendo assim, “Literatura de Cordel” se tornou uma expressão impositiva sem identidade no meio das raízes do nosso povo, referência metalinguística da própria origem da cultura popular Brasileira.

Muitos autores (poetas) usam banquinhas para expor seus trabalhos e na maioria dos casos eles usavam o chão forrado com um pano (lona), onde os folhetos ficam expostos contornados por uma roda de ouvintes da cantoria. É bom lembrarmos que está prática, do uso do cordão “Cordel”, se tornou comum depois que está terminologia foi imposta.

Os estudiosos que a impuseram o fizeram com o intuito de interesses específicos relacionados às necessidades acadêmicas e não com os interesses do que é popular. O conceito de “Literatura de Cordel” mostra com clareza esta verdade, pois está assim definido por eles: “POESIA NARRATIVA POPULAR IMPRESSA”.

Mas toda poesia é narrativa. Narrativas que nascem de um sublime sentimento da abstração da alma do poeta, até descrições narrando Contos ou Fatos Cotidianos, verdadeiros ou não. Sendo assim, “narrativa” não é uma característica específica da identidade do que eles chamaram de “Literatura de Cordel”, mas sim de todas

O cordel do crp

as classes de poesias. Já “impressa” é um termo que trata a poesia sertaneja popular nordestina em apenas um momento da sua longa existência, momento identificado como o da composição e impressão gráfica dos versos.

A definição é, portanto, muito limitada, uma vez que desconsidera um imenso universo de formas adquiridas pela cultura na sua existência em comum com os diferentes momentos vividos pelos poetas e seus admiradores.

A relação de convivência entre o poeta e o povo se dá nas feiras da região rural do sertão nordestino. Nelas, como nos corredores do CRP, ocorrem boa parte das interações sociais, ambiente perfeito para que os cantadores de prosa e trovadores introduzam suas criações. Até hoje a poesia sertaneja nordestina é encontrada frequentemente nos grandes mercados municipais das capitais e das grandes cidades sertanejas.

O fenômeno migratório nordestino para o resto do país desde 1950 levou suas práticas culturais para o resto do Brasil, polinizando a cultura com suas criações divertidas e provocadoras.

No sentido contrário, os CTGs – Centros de Tradição Gaúcha – levam a cultura dos Pampas para o resto do país. O encontro vivo entre essas duas forças de migração cultural fica evidente em vários trechos do *Cordel do CRP*, que não deixa de lado o rico encontro dos assentamentos destes homens, na região sul, central e nordeste do Brasil,

O cordel do crp

com suas práticas que vieram a redefinir boa parte de nossa cultura contemporânea. Estes movimentos culturais serviram para divulgar e expandir a cultura nestas regiões e transmiti-las às futuras gerações que ali se formariam por descendência.

Os que ficaram mantiveram as tradições resistindo às possibilidades do consumismo capitalista, proporcionado pelas novas tecnologias. Os que partiram levaram a cultura, e a poesia se fundia aos novos elementos em costumes nas novas regiões.

A descendência resiste com os hábitos e hoje se vêem frutos migratórios produzindo nossos costumes populares, como a nossa literatura, em descentes com naturalidade Paulista, Brasiliense, Goiana, Mineira e outras, onde se fez presente tanto o homem sertanejo nordestino quanto o gaúcho.

Na verdade, o que se mostrou decadente produziu um efeito contrário, levando os nossos costumes para um universo desregionalizador, embora sendo cultura regionalizada pelas características de suas raízes, mas universal no que diz respeito à popularidade.

Além destes fatores citados, a crise revelada pelos estudos está relacionada diretamente com a exploração da produção capitalista literária nas massas no que diz respeito ao direito de posse da produção e divulgação dos trabalhos.

O cordel do crp

O “*Trepente da Avaliação Departamental*” mostra, tomando como referência um problema local da ECA, que essa crítica é universal:

Importam gente de fora
Pra julgar quem não conhecem.
E depois vão embora,
As cobranças aparecem.

Os editoriais pagavam o controle do direito ao manuscrito, geralmente com mil folhetos, isso na primeira edição, e exploravam os autores populares em todas as outras edições subsequentes, auferindo para si os lucros das edições. Ainda hoje esta prática existe. Grandes editoras e emissoras de TV pagam valores simbólicos a poetas populares pela exploração de seus versos em impressos e novelas. A Publicidade nem chega a lhes dar crédito.

Em todas as eleições políticas, os candidatos exploram a boa fé criativa dos poetas populares, pagando-lhes com promessas os *jingles* produzidos por este quando das suas campanhas.

Mesmo enfrentando todas essas controvérsias, a cada dia os textos de Cordel são mais valorizados por todo o Brasil e pelo mundo. Como na tradição nordestina, em que os textos são publicados em livretos fabricados praticamente de forma manual pelo próprio autor, um livro auto-publicado, tecnologia que muitos se apressam

O cordel do crp

em definir como contemporânea, presta mais uma homenagem a suas origens.

Os temas são os mais variados, indo desde narrativas tradicionais transmitidas pelo povo oralmente, até aventuras, histórias de amor, humor, ficção, e o folheto de caráter jornalístico, que conta um fato isolado, muitas vezes um boato, modificando-o para torná-lo divertido.

Escrito de maneira jocosa, mas por vezes retratam realidades desesperadoras. Uma outra característica é o uso de recursos textuais como o exagero, os mitos, as lendas e, atualmente, o uso de ironia ou sarcasmo para fazer críticas sociais ou políticas.

Usar uma imagem estereotipada como personagem também é muito comum, às vezes criticando a exclusão social e o preconceito, às vezes fazendo uso dos mesmos através do humor sarcástico. Além dos temas “engajados”, se assim podemos chamá-los, há também cordéis que falam de amor, relacionamentos pessoais, profissionais, cotidiano, personalidades públicas, empresas, cidades, regiões, etc.

Uma das características desse tipo de produção é a manifestação da opinião do autor a respeito de algo dentro da sua sociedade. Os cordéis não tem a característica de serem impessoais ou imparciais, pelo contrário, na maioria das vezes usam várias técnicas de persuasão e convencimento para que o leitor acate a ideia proposta.

O cordel do crp

O “*Trepente do Professor Ausente*” mostra um bom exemplo desse tipo de ironia, nem sempre velada:

Tá faltando o professor
Que da aula na sala três.
Os alunos impacientes
Dizem que já é a quarta vez.

Por fim, em uma escola com curso de Turismo, que estuda as tradições culturais e diversidades do país, uma obra como o *Cordel do CRP* é um excelente exemplo de aplicação prática da enorme mescla de tradições e variações no gigantesco caldeirão cultural do nosso país.

Encerro esta análise com o excelente “*Trepente do Curso de Turismo*”, que serve como exemplo da preocupação de todos os professores desta escola com a preservação do legado cultural do país – e, simultaneamente, a relação variável que o resto da escola tem com ele.

Professores excelentes,
Que ensinam com entusiasmo
Já plantaram as sementes
Para afastar o marasmo.

Eles são de muito tempo
O tempo inteiro imitados.
Outros são como o vento
Que passam sem ser lembrados.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

O cordel do crp

Assim mesmo tem quem diga
Que fiquem fora da pós.
É essa mulher duma figa
Que é ruim pra todos nós.